

TRABALHOS DE PESQUISAS

ESTRATÉGIAS DE PRAZER: SEXUALIDADE, RESILIÊNCIA E SORORIDADE NO PRESÍDIO FEMININO

Silvia Piedade de Moraes¹; José Roberto da Silva Brêtas²

PLEASURE STRATEGIES: SEXUALITY, RESILIENCE AND SORORITY IN THE FEMALE PRISON

Resumo: Este artigo tem como objetivo mostrar como mulheres jovens em situação de prisão vivem sua sexualidade e criam estratégias de prazer como forma de suporte à situação de cárcere. Com base na realização de uma pesquisa qualitativa com 30 mulheres na faixa etária de 18 e 29 anos em cumprimento de pena em um presídio de São Paulo, o artigo ressalta o potencial criativo das mulheres que buscam a sororidade e a resiliência como formas de saúde mental, afetiva e sexual para superarem as vulnerabilidades, o abandono familiar e as escassas possibilidades de visita íntima. Muitas delas passam a se relacionar sexual e afetivamente com outras mulheres e têm a oportunidade de conhecer e explorar o próprio corpo e outras possibilidades de prazer, incluindo masturbação e práticas sexuais antes não realizadas.

Palavras-chave: prazer; sexualidade; sistema prisional.

Abstract: This article aims to show how young women in prison live their sexuality and create strategies of pleasure as a way to withstand incarceration. Based on a qualitative research with 30 women in the age group of 18 and 29 years in prison sentence in São Paulo, the article highlights the creative potential of women who seek sorority and resilience as forms of mental health, affective and sexual to overcome the vulnerabilities, the family abandonment and the scarce possibilities of intimate visit. Many of them begin to relate sexually and affectively with other women and have the opportunity to know and explore their body and other possibilities of pleasure, including masturbation and other sexual practices that they did not use before.

Keywords: pleasure; sexuality; prison system.

¹Professora da Universidade Guarulhos. Doutoranda em Educação e Saúde pela Unifesp. Membro da SBRASH. E-mail: silviapmoraes@hotmail.com

²Professor Associado da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp. Pesquisador e líder do Grupo de Estudos sobre Corporalidade e Promoção da Saúde. E-mail: jrsbretas@gmail.com

Introdução

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa de doutorado “Sexualidades e identidades de gênero no contexto do cárcere: representações sociais de mulheres encarceradas realizada na Penitenciária Feminina de Santana – São Paulo”. O texto visa apresentar as diferentes estratégias de prazer que mulheres jovens em situação de prisão utilizam para dar vazão aos desejos sexuais e afetivos.

Por meio de suas narrativas sobre o cotidiano e a vivência da sexualidade, as participantes apresentaram um contexto em que a sexualidade é vivida de forma ampla, fluida e por meio de apropriações identitárias cambiantes.

A representação da sexualidade que visa uma relação completa e passageira é relatada pelas participantes que descobriram a possibilidade de uma vida afetiva com outra mulher no cárcere. Além de destacarem a construção de uma vida afetiva, muitas mulheres narram a descoberta do orgasmo, do afeto, da amizade e da masturbação.

A sexualidade é representada pela maioria das mulheres em situação de prisão como uma questão de bem-estar que extrapola as práticas sexuais. Essa representação é muito próxima daquela abrangente definição estabelecida pela Organização Mundial de Saúde

[...] A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. (OMS, 1975, s/p)

A pesquisa demonstrou que há inúmeros tabus sobre a sexualidade, os direitos sexuais e reprodutivos e a educação em sexualidade das mulheres encarceradas. Não obstante, esses tabus e mitos fazem parte das representações das próprias mulheres que não se veem como sujeitas desses direitos, o que dificulta ainda mais a discussão e a implantação de políticas públicas, sobretudo em relação à prevenção de DSTs para mulheres que fazem sexo com outras mulheres.

Em pesquisa anterior, foi possível notar como a sexualidade das mulheres é desde cedo polarizada em torno do ônus e do bônus (MORAES et al., 2016). Há sempre uma responsabilidade enredada para as mulheres e/ou meninas que buscam uma vida sexual prazerosa e satisfatória e desde cedo devem saber lidar com suas escolhas e consequências sozinhas. Assim, a crença de que, ao escolhe-

rem buscar pelo prazer sexual, devem saber lidar com o controle de seu corpo sobre com quem ficar, transar ou divertir-se; da reprodução na escolha de um parceiro no tempo certo para uma gravidez desejada; da destituição de uma relação estável, cuja sociedade determina como fracasso pessoal; do papel da esposa na relação, na fragmentação da família e no possível sofrimento dos filhos com uma separação; da denúncia da violência doméstica sob a égide de arcar com a destituição do núcleo familiar; do cuidado com o sucesso profissional desde que não afete sua relação amorosa e o ego dos parceiros.

Ao entrarem no sistema prisional e logo serem afetadas pelo abandono familiar, as mulheres buscam uma vida criativa para lidarem com um contexto cuja despersonalização tem sido parte de seu processo. Ter a rotina definida pela instituição sobre o que comer, os horários, o uso do tempo e do espaço e sobre os objetos pessoais delimitados afeta a personalidade (SOLOMON, 2013) e exige que seus sujeitos passem a estabelecer estratégias para sobreviver psiquicamente a esse período. Nesse sentido, apresentam-se algumas estratégias utilizadas pelas participantes no cotidiano do sistema prisional para viver a pena de prisão no que tange à sexualidade e afetividade.

“Mais amor, por favor!”: sororidade, vínculos e poder como estratégias de resiliência

Carol Gilligan (1997) observou como o desenvolvimento moral da criança – menina ou menino – ganha contornos diferentes. Para isso, ela se baseia na teoria piagetiana (anomia, heteronomia e autonomia) como processo não universal e não linear. Para Gilligan (1997), a construção da moral nas meninas se forma para uma ética do cuidado, ou seja, a socialização universal que Piaget propõe concorre com nuances diferenciadas baseadas no gênero e desnaturaliza as fases da construção moral.

Nas relações entre as participantes da pesquisa percebe-se como a ética do cuidado se estrutura de forma positiva na convivência entre elas. Foucault também tratou da socialização por meio da amizade e do cuidado de si. Destacou que essa relação de amizade e de afeto aberto entre as mulheres sempre foi mais possível.

[...] o corpo da mulher desempenhou um grande papel e os contatos entre os corpos femininos: uma mulher penteia a outra, ela ajuda a outra a se maquiar e se vestir. As

mulheres tinham direito ao corpo das outras mulheres, segurar pela cintura e abraçar-se. (FOUCAULT, 1981, p. 4.)

A história também está repleta de relatos de sororidade, sobretudo em catástrofes, guerras, na segmentação de grupos e criação de guetos. A esse respeito Foucault afirma.

E alguém pode perguntar o que fez que nessas guerras absurdas, grotescas, nesses massacres infernais, as pessoas, apesar de tudo tenham se sustentado? Sem dúvida um tecido afetivo. (FOUCAULT, 1981, p. 5)

No período das guerras, as mulheres confinadas e isoladas sem seus filhos, maridos, irmãos e pais desenvolveram verdadeiras técnicas para suprir suas necessidades afetivas no sentido mais amplo da palavra, que envolve também o prazer sexual, mas o apoio, a conversa, o toque, o choro coletivo, as rezas, e, como destaca Foucault (1981), as relações de amizade podem se desdobrar para um campo criativo maior.

No sistema prisional a amizade é o tecido afetivo mais poderoso. Ela age como suporte psicológico e dá sentido à vida ali confinada. Se não há visitas para todas, dividindo celas e pavilhões, ainda alguém te espera na abertura da tranca para o pátio.

A amizade é uma estratégia de resiliência. Ela permite ao indivíduo desenvolver habilidades sociais importantes para se manter no círculo de interações (BORSA, 2013). No confinamento do presídio isso tem uma conotação mais ampliada e é comum ver pelos pátios meninas que se penteiam, pintam as unhas umas das outras, cuidam na doença como se tudo que importasse naquele momento fosse essa relação ética do cuidado. Não raro, as famílias que enviam o jumbo³ recebem pedidos para que possam aumentar a quantidade dos itens enviados para que as amigas mais desamparadas possam fazer parte de sua divisão.

O tecido afetivo torna-se tão forte que comumente é possível ouvir histórias de solidariedade no cuidado dos filhos de alguém que está presa. Envolvidas nessas tramas de amizade, é possível que a saúde mental consiga resistir durante mais tempo. A amizade é importante dentro do sistema prisional porque também cobre a lacuna das raras visitas

familiares e íntimas.

As visitas íntimas e familiares, muitas vezes criticadas pela sociedade, são fontes fundamentais da almejada reinserção social. Infelizmente essas visitas não são semanais e há a esperança de recebê-las no próximo fim de semana, o que às vezes só acontece em meses.

Deixar a cela para a amiga receber sua visita familiar ou íntima é uma forma de fortalecer os laços de amizade e cumplicidade. A sororidade também se encontra na arrumação das celas e dos espaços para os visitantes: independente de quem recebe visita, tudo fica impecavelmente limpo e cheiroso.

Outras estratégias ajudam as mulheres no suporte diário: o trabalho nas empresas instaladas no presídio e as orações para pedir a Deus calma e tranquilidade para passar os dias e até mesmo mais frieza com as suas emoções.

Para as que não recebem nenhuma forma de visita (um número expressivo), elas costumam estabelecer relações pautadas na ética do cuidado e vínculos muitas vezes melhores do que tinham entre seus familiares. Alguns familiares se comovem com a solidão de algumas meninas e, por isso, convidam homens ou mulheres que desejam compor a lista de visitas íntimas.

É comum que essas mulheres destaquem dificuldades para manter a lucidez e manutenção de sua personalidade. Algumas jovens são levadas ao limite de estresse emocional, muitas se mutilam e outras cometem suicídio.

As estratégias de resiliência são inúmeras, mas é de destaque que a sororidade presente todos os dias é uma das maiores referências dos vínculos ali estabelecidos. As amizades levam a outras experimentações, ampliam ou mostram outros pontos de vistas, estabelecem laços de escuta qualificada e, por vezes, ganham força para resistirem juntas à desintegração da saúde mental impactadas por fortes emoções de tristeza, raiva, ódio, inveja e baixa autoestima.

Como afirma Gomes et al. (2007)

[...] a dimensão da solidariedade inter-humana da amizade proporciona a ajuda entre amigos estabelecendo vínculos comprometidos com o outro num movimento de recusa do individualismo e práticas excludentes. (p. 157)

³Jumbo é o nome que se dá ao kit de mantimentos - produtos de higiene, limpeza, alimentação e vestuário - que os detentos recebem do seus familiares.

A sororidade ressalta, portanto, a dignidade do Outro por meio de vínculos e da valorização da própria existência.

A resiliência ao mesmo tempo se relaciona aos mecanismos de produção de prazer sexual como estratégias em locais de confinamento e vigilância.

Estratégias de prazer sexual – descobrir-se e descobrir o outro

Masturbação – herói e vilão

A culpa tem força tão grande sobre os sujeitos que, passado séculos e por ser mais comum ouvirmos muito mais sobre certas liberdades sexuais, ainda não é suficiente para nos sentirmos livres para viver as mesmas liberdades sexuais das quais falamos.

As participantes da pesquisa, em sua maioria, não criminalizaram a masturbação e nem fizeram julgamento à prática, mas apontaram ter que resistir ao ato. Pedir a Deus para dar-lhes força remete à ideia de que masturbar-se seria de fato uma fraqueza. Em outros discursos destacam-se as afirmações sobre não se sentir bem, tomar um banho gelado, ler um livro. Tirar da mente a ideia de masturbar-se mostra a necessidade de fugir desta possibilidade de prazer.

As mulheres que afirmaram não sentir necessidade de produzir prazer a si mesmo por meio da masturbação, destacam nunca terem tentado ou acham estranho tocar o próprio corpo. Esse estranhamento aparece quando algo não nos pertence, não há pontos em comum ou pelo ineditismo do que se apresenta. O estranho é momentâneo e, ao incorporar-se a um determinado conjunto de elementos similares, torna-se representável e ancora-se a outras ideias. Se a masturbação é tida como estranha é porque para esses sujeitos poucos pontos puderam ser aliados a ele ou foram organizados em conjunto de práticas inaceitáveis.

As poucas participantes que afirmaram masturbar-se nesse período de confinamento elucidam também suas estratégias para a realização do ato. O uso do quieto⁴ é comum aliado a espera do sono da parceira de quarto, o som mais alto do rádio-zinho para esconder gemidos e as facilidades de quem mora sozinha mostram a criatividade para manter momentos da sua intimidade. Em outras descrições, mulheres afirmam que conheceram o orgasmo e a masturbação no presídio, o que de-

monstra o tamanho da lacuna no conhecimento da sexualidade que muitas mulheres apresentavam antes do cárcere.

Estratégias de sororidade sempre são magníficas e muitas apontam como as mulheres no sistema prisional incentivam e ensinam umas às outras sobre a masturbação, destacando os “efeitos terapêuticos” da prática como alívio da tensão, relaxamento e direito ao prazer. Para muitas, a masturbação é necessária, e a facilidade com que falam sobre isso demonstra que, diferentemente do estranhamento, a ideia de masturbação ancorou-se à ideia de prazer e direito.

O tema ainda é, no entretanto, tabu, e, como Hite (1976, p. 45) descreveu, “algumas respostas soam um pouco frias e secas, o que constitui simplesmente um reflexo do profundo embaraço sentido com a pergunta”. As respostas são diversas e se torna difícil criar qualquer tipo de enquadramento.

Amor, amizade e sexo entre mulheres

As relações afetivas estabelecidas no sistema prisional que podem ser olhadas como uma reprodução da cultura em que vivemos, pois assim foram internalizadas, vistas e aprendidas, são os *scripts* sexuais. De acordo com Alferes (1997, p. 34) “[...] o conceito de *script* [...] refere-se à modalidade de conhecimento prático, socialmente elaborada e partilhada [...]”.

A forma binária de relação afetiva e sexual está tão explícita dentro da cadeia feminina quanto do lado de fora. Há uma organização e alguns atos permitidos apenas para as homossexuais masculinizadas, cujo amparo está na apropriação performativa de masculinidade. A masculinidade transcende a expressão corporal e também se corporifica nas relações de poder. No íntimo das relações, os *scripts* sexuais são usados, mas nunca de forma idêntica, por exemplo, quando uma das participantes afirma que “sapatão é quem faz o papel de homem. Homem não é tocado, homem toca a mulher” e continua afirmando que sempre há quem escape a essas prescrições: “Tem sapatão incubado, que aceita [ser tocado], mas a maioria deles não [aceita]”.

O *script* não é uma imitação nem uma encenação. O *script* é “uma estrutura de conhecimento” (ALBESON *apud* ALFERES, 1997, p.35) cujas respostas dependem do contexto e de outras re-

⁴Lençol usado na cela como parede para separar casais em momento de intimidade das outras visitas.

des de conhecimento que o sujeito se apropriou e são marcadas por uma expectativa sobre como os acontecimentos deveriam ocorrer. As representações sociais marcam respostas como e por que devem ocorrer de tal forma – é a relação entre o ato e a justificativa.

Uma das participantes, no entanto, afirma algo ainda mais intrigante: “É raro quem nunca tocou uma mulher aqui dentro [...] porque é carência, junta tudo, então vem ficar pela primeira vez aqui [...]”. A primeira afirmação que a maioria das mulheres já tocou outra mulher nos mostra que para aquele grupo o contexto se abriu para um novo aprendizado com uma forma e ordem de acontecimento – os roteiros afetivos na cadeia –, ou seja, um script que se refere especificamente àquele local. A ideia de “ficar com mulheres” é, portanto, definida como comportamento de cadeia e objetificada pela ideia de carência. É assim que os sujeitos acomodam condutas e aprendem a lidar com novas estruturas de conhecimento, também afetivas. De forma similar, outra participante reafirma que o lugar parece oferecer uma liberdade para o acontecimento: *“Fiquei com mulher sim, pelo menos para eu falar, fiquei, passar por aquele lugar sem conhecer...”*

A questão é que essas possibilidades estão sempre abertas ao sujeito, mas a atribuição compulsória da heterossexualidade é rodeada e amarrada por dispositivos fortes de controle, entre eles os discursos religiosos, a violência ética e a minimização de direitos incluindo a escolha por uma vida civil reconhecida em lei, como afirma Butler (2003).

Mesmo com a liberdade para ter uma vida afetiva e sexual sem precisar esconder de ninguém, uma participante diz que a mãe evangélica nem imagina que ela já teve relacionamento com outra mulher e prefere esconder o fato em contatos por visita e carta. Outra prefere o uso de um recurso moral que a desencoraja dessa possibilidade afirmando que o relacionamento entre mulheres é mais “destrutivo” do que uma relação heterossexual e da objetificação da ideia de um Deus que vigia e controla a sexualidade das pessoas:

Eu acho que para Deus é um pecado, mas se elas curtem, se elas gostam e acham que está certo, cada um tem que ver a sua consciência. Eu não acho certo, eu não acho legal duas mulheres se beijando, às vezes elas brigam, elas se batem, humilham uma à outra, expõe a intimidade delas no meio da população.

Um grupo vasto de participantes declararam

afirmações similares, que ilustram que a orientação sexual é um campo aberto; não é uma essência, é uma possibilidade. Algumas participantes afirmam que ao sair da prisão querem ter relacionamentos com homens novamente. Nesse sentido, adotam para si a fluidez de amor às pessoas e não a seus gêneros.

As novas experiências afetivas dessas participantes passam então a incorporar suas histórias de vida e também o repertório sexual maior e mais exigente. Em muitos relatos é evidenciado o fato de que o sexo oral é o grande vilão do sexo com os homens e, em contrapartida, “o galã” entre o sexo com as mulheres. O segredo está no clitóris esquecido pelos homens com que fizeram sexo e agora redescoberto na cadeia e tratado com carinho que ele sempre mereceu.

Muitas participantes destacaram que conheceram o orgasmo no cumprimento da pena. Descobriram a possibilidade de uma vida com prazer sexual, além de considerar que com outra mulher recebem atenção, conversam, beijam e ampliam o toque. Assim, podem explorar suas possibilidades erógenas nas quais estavam fechadas ou restritas por causa de relacionamentos anteriores com homens, como afirma uma participante: “Ah, a mulher te entende, sabe? Ela faz sexo oral em você, ela vai chorar, não vai te julgar...”, e para outras geram dúvidas como quem precisasse ter uma definição: “Mas eu sinceramente não sei o quero para minha vida, se quero homem ou mulher, agora estou confusa.”.

A experiência com outras mulheres amplia possibilidades afetivas e sexuais para elas. Estar com uma mulher ou com um homem não é mais é uma fatalidade biológica, mas uma possibilidade cultural.

Essa forma de conceber o prazer sexual entre elas é instigante, pois ao mesmo tempo em que algumas inauguram seus novos tempos com o orgasmo, outras se especializam em ofertar o prazer utilizando formas criativas de não serem tocadas, como os *scripts* geralmente incorporados definem que um homem toque uma mulher.

Nenhuma das participantes que conhecera o sexo com mulheres na prisão se definiu como lésbica. Essas performances embaralham o gênero (com todas as suas influências sobre as identidades e orientações sexuais) porque mostram justamente que os sujeitos vivem de forma criativa suas expressões e prazeres. É preciso destacar de forma enfática a expressão de Sedwick (2007, p. 49): “genderfuck”, ou seja, “foder com o gênero” como forma de reconhecer que essas instabilidades é que dão

sentido à vida criativa de muitas pessoas.

Considerações finais

Ao adentrar no sistema prisional, as mulheres passam a compor um segmento repleto de estigmas e vulnerabilidades sociais. O processo de tornar-se uma pessoa sob a pena privativa de liberdade provoca impactos em muitos setores da vida, envolvendo a vida afetiva, familiar e profissional. Esses estigmas acompanham as pessoas após o cumprimento da pena. Reestruturar a vida familiar após o abandono vivido na prisão é uma tarefa que muitas mulheres não têm possibilidade de promover e, por isso, passam a viver em situação precária, sem contato com filhos e familiares.

Durante o período de cumprimento da pena é preciso ter uma vida criativa para suportar a despersonalização. Estratégias de resiliência são criadas e compartilhadas com as presas menos experientes sobre a vida nos sistemas prisionais além de serem fundamentais também pela forma como se propagam. Os laços de amizade e cumplicidade são os primeiros que precisam ser estruturados, já que as regras de conduta são internalizadas por meio da verbalização e comportamentos cotidianos.

Em relação à sexualidade, as mulheres pouco se reconhecem como sujeitos de direitos sexuais e reprodutivos e, por isso, pouco exigem que o Estado lhes ofereça educação em sexualidade, práticas preventivas e saúde.

O abandono de parceiros, familiares e as escassas visitas íntimas são imperativos para a possibilidade de conhecer formas diferenciadas de prazer, erotização e relacionamentos afetivos. As participantes da pesquisa mostraram a descoberta do orgasmo, da masturbação, do sexo com mulheres, da amizade e da cumplicidade como fundamentais para uma vida criativa e resiliente.

Abrir-se a diferentes formas de uma vida criativa é insistir em não atrelar corpo, identidade de gênero, orientação sexual e práticas sexuais, pois tudo isso é separado e ao mesmo tempo repleto de combinações.

Referências

ALFERES, V. R. *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

BORSA, J. C. O papel da amizade ao longo do ciclo vital. *Psico-USF*, v. 18, n. 1, p. 161-2, jul./abr. 2013

BUTLER, J. Tráfico sexual – entrevista com Gayle Rubin. *Cadernos Pagu*, v. 21, p. 157-209, 2003.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-2006, jul./dez.1995.

FOUCAULT, M. *Da amizade como modo de vida*. (1981). Disponível em: < <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

GILLIGAN, C. *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*. Lisboa: Fundação Calloust Gulbekian, 1997.

GOMES, L. G. N.; SILVA JÚNIOR, N. Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.23, n. 2, abr./jun. 2007.

HITE, S. *O relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

MORAES, S. P. Sexualidades e identidades de gênero no contexto do cárcere: representações sociais de jovens presidiárias. Tese (doutorado). Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), 2017.

MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. da S. O ônus do prazer: o aprendizado da sexualidade de meninas em conflito com a lei. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, vol.27, n. 1, p. 37-48, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Sexualidade. 1975. Disponível em: <<http://www.who.int/country/bra/en>>. Acesso em: 19 abr. 2010.

SEDGWICK, E. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, v. 28, p. 19-54, jan./jun.2007.

SOLOMON, A. *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.